

Relato de experiência: campanhas para erradicação do racismo no ensino superior

Experience report: campaigns to eradicate racism in higher education

Larissa Lacerda Menendez¹
Haydee Maricela Mora Amezcua²

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v24i52.976>

Resumo: Este artigo apresenta um relato de experiência de duas integrantes da equipe de trabalho da Cátedra Unesco Educação Superior, Povos indígenas e Afrodescendentes na América Latina que realizaram apoio e acompanhamento de ações desenvolvidas no período de 2020 a 2022. O presente relato apresenta um panorama das atividades desenvolvidas. Destaca-se o material das campanhas, análise de dados apresentados, orientações de combate ao racismo com base nas vivências e apontamentos realizados pelas equipes. Os resultados apresentados demonstram que a campanha possibilitou aos participantes (equipes de apoio) um panorama a respeito do modo como ocorrem as práticas de racismo no ensino superior e orientações para abordar esta temática nas instituições de ensino.

Palavras-chave: racismo; ensino superior; orientações; experiências.

Abstract: This article presents an experience report of two members of the work team of the Unesco Higher Education Chair, Indigenous Peoples and Afrodescendants in Latin America who provided support and follow-up of actions developed in the period from 2020 to 2022. This report presents an overview of the activities carried out. The material from the campaigns, analysis of the data presented, guidelines for combating racism based on the experiences and notes made by the teams stand out. The results show that the campaign provided participants (support teams) with an overview of the way in which racist practices occur in higher education and guidelines to address this issue in educational institutions.

Keywords: racism; higher education; guidelines.

¹ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil.

² Universidad Autónoma de Querétaro, Querétaro, México.

1 INTRODUÇÃO

Em 2020 a Universidade Autônoma de Buenos Aires - UNTREF lançou a 1ª Campanha para a erradicação do racismo na educação superior na América Latina, convidando as instituições a participarem com suas propostas. Em 22 de Setembro de 2020, o Grupo de Estudos em Memória, Artes e Etnicidade da Universidade Federal do Maranhão junto a professores de outras instituições foi selecionado para participar da campanha. A proposta selecionada visava realizar a “I Jornada de Combate ao Racismo no Ensino Superior: estudantes indígenas e afrodescendentes”, da Universidade Federal do Maranhão, Brasil.

Nesse período, além das atividades da organização da jornada que abrangem planejamento, convites, elaboração de material gráfico de difusão nas redes, encontros *online* com mediação, participamos também de reuniões de grupos de trabalhos (GT) internos dos organizadores da campanha. Este artigo tem como objetivo fazer o relato de experiência sobre as participações nos grupos de trabalho internos da campanha, que culminaram com a participação nas equipes de apoio nas campanhas posteriores.

2 1ª CAMPANHA

A “I Jornada de Combate ao Racismo no Ensino Superior: estudantes indígenas e afro-descendentes” ocorreu em Setembro de 2020, de modo virtual, em meio à pandemia de COVID-19. A elaboração da proposta contou com a participação de professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão, estudantes de graduação do curso de Licenciatura em Artes Visuais, participantes do Grupo de Estudos em Memória, Artes e Etnicidade, um participante do Instituto Federal da Bahia (em parceria com o Neabi), um professor da Universidade Federal do Sudoeste da Bahia, uma liderança indígena do povo Kurâ-Bakairi de Mato Grosso e um membro do Centro de Pesquisa em História Natural e Arqueologia do Maranhão.

A mesa de abertura teve novecentas e vinte e oito visualizações, e uma média de duzentas e trezentas no restante da programação e um total de duzentos e cinquenta participantes, em sua maioria alunos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Maranhão, campus de São Luís. Na programação do

evento, esta mesa debateu a respeito das práticas discriminatórias no ensino superior, e expôs oficinas com o tema de racismo contra pessoas indígenas e negras. A mesa de encerramento contou com a participação de lideranças e representantes estudantis negros e indígenas, fornecendo propostas efetivas para a erradicação do racismo, como uma carta de ações e compromisso da realização bienal da jornada.

Na “Primeira Campanha para a Erradicação do Racismo no Ensino Superior na América Latina”, sucedida em 2020, estando como proponente selecionada, a equipe foi convidada a participar de reuniões com os organizadores da UNTREF, que tinham como principal objetivo proporcionar o contato entre pesquisadores de diferentes instituições da América Latina.

Participamos do GT de número quatro, composto por propostas como “Campaña para la Erradicación del Racismo en la UNVIME” (Escuela de Ciencias Sociales y Educación e Universidad Nacional de Villa Mercedes, Argentina); “Seminário Internacional para Erradicação do Racismo na Educação Superior: Modos de contestar e ocupar” (Núcleo de Estudos Afro-descendentes e indígenas do Campus Rio de Janeiro do Instituto Federal do Rio de Janeiro, Brasil); “Perspectivas Antirracistas e Interculturales para la Educación Superior en Matemática, Ingeniería, Ciencias Naturales” (equipe mista, composta de diversas instituições de diferentes países); “Historia Pública y racismo: horizontes de sentido para la transformación de la educación” (Universidade de Antioquia, Colômbia); “Educomunicación para erradicar la violencia de género, el racismo y la discriminación desde la Universidad” (Universidad Pedagógica Nacional Ciudad de México); e “Conversatorios Virtuales Interculturalidad, Pueblos Originarios y Afrodescendientes en las Escuelas, Universidades e Institutos de Formación Docente (en cuarentena... y después qué?)” (Instituto de Culturas Aborígenes-Córdoba, Argentina e Universidad del Pueblo, México).

A participação no Grupo de Trabalho 4 possibilitou também a interação com as demais equipes da campanha, que eram compostas por diferentes instituições da Argentina, Brasil, Equador, Guatemala, México e Colômbia. Toda a campanha aconteceu em formato virtual.

Na primeira campanha conhecemos as propostas de pesquisadores da Universidade Estadual de Londrina, da UPN de Yucatán, da Flacso UNTREF, da

Federal do Sul e Sudoeste do Pará, da Universidade de San Carlos e da Universidade Autónoma Indígena, apenas citando exemplos que explicitam a diversidade geográfica e cultural da composição dos grupos.

Sobre a primeira campanha, Amaral e Patzi (2021, p. 313) afirmam que é

Importante destacar a diversidade de ações propostas e desenvolvidas a partir de diferentes acordos institucionais e interinstitucionais. Todas elas construíram, ao seu modo, visibilidades via internet no enfrentamento ao racismo na educação superior, seja em âmbito institucional, local e/ou regional. Dentre as distintas naturezas identificamos ações organizadas a partir de eventos formativos (webinários, ciclo de palestras, rodas de conversa, oficinas), cursos de modalidade de produção de material audiovisual (micro vídeos de depoimentos de estudantes, de docentes, de dirigentes de organizações indígenas e afrodescendentes de gestoras/es, vídeos institucionais); levantamentos e criação de protocolos institucionais para registro de situações de racismo, dentre outras.

Este tempo virtual de encontro entre as equipes de diversos países teve dois impactos importantes: o primeiro, a partir dos relatos apresentados, de constatar que as situações de racismo são recorrentes e se manifestam de modo muito semelhante. Em relação ao racismo contra estudantes indígenas, por exemplo, a invisibilidade dos povos, o preconceito e o despreparo dos docentes foram aspectos que se destacaram nos relatos das práticas de diversas instituições envolvidas na campanha.

Por outro lado, algumas abordagens teóricas, categorias analíticas predominaram para avaliar as situações, como uma leitura e interpretação mais profunda a partir da seccionalidade, até relatos contundentes sobre situações vivenciadas por alunos, participantes que desejaram compartilhar as situações de racismo vivenciadas durante as ações da campanha.

Outra situação importante deste primeiro momento foi o fato de a equipe de organização ter disponibilizado pessoas para serem referências para as equipes participantes. Essas pessoas estavam à disposição para dirimir qualquer espécie de dúvidas e dificuldades, sendo de apoio fundamental para as selecionadas. Houve situações desafiadoras para as equipes, relativas ao cronograma, dificuldades técnicas, mas aqui relatamos um caso ocorrido que trouxe aprendizado para toda a equipe.

O relato a seguir é quase-fictício, isto é, pretendemos preservar as identidades dos envolvidos, mas tem como objetivo abordar a situação de racismo vivenciada durante a campanha e analisar a sua importância.

Numa das atividades *online*, um militante negro, participante da organização da Campanha, fez a mediação com um dos convidados, que era branco. Houve uma pergunta no *chat* colocada de um modo muito confuso, e o responsável pela mediação a colocou ao vivo para o convidado. Após repetir a pergunta por três vezes, sem ser compreendido pelo convidado, outro participante que também era branco refez a pergunta, pela quarta vez e esta foi respondida enfim pelo palestrante.

Após esse episódio, o militante negro, que fazia parte da equipe de organização, relatou que havia passado por uma situação de racismo, visto que sua pergunta só foi compreendida quando um interlocutor branco se dirigiu ao palestrante branco.

A situação colocada foi desafiadora para os próprios organizadores da campanha, e neste momento revelou-se a delicadeza e a complexidade do tratamento do tema. Estamos acostumados a pensar, na América Latina, no genocídio, na injúria racial como práticas racistas, entretanto as outras situações vivenciadas por negros e indígenas cotidianamente não são percebidas pelas pessoas brancas como práticas racistas.

Não ser escutado, ser barrado na porta de entrada de um edifício, ser revistado, ser seguido em uma loja pelo segurança, receber um olhar com desaprovação são exemplos de situações que não são sequer percebidas como práticas racistas. Há uma dissonância entre a subjetividade daquele que vive na pele o preconceito e a percepção do outro que não consegue apreender sinais que parecem “sutis” ou “ambíguos”, mas que são vivenciados com sofrimento pelas pessoas negras e indígenas que lidam no dia a dia com esses tipos de violência, que foram naturalizadas pela sociedade.

A questão que se coloca é a seguinte: como pensar uma educação antirracista? Estamos preparados para lidar com esse tipo de situação? Há alguma orientação de conduta quando presenciamos situações de racismo no ambiente educacional? Após conversar com uma pessoa responsável por acompanhar nossa equipe, foram apresentados alguns pontos norteadores para lidar com esse tipo de

situação. Em primeiro lugar, o racismo é vivenciado, sentido, não cabe questionar aquele que tem a coragem de denunciar a ocorrência.

O racismo é vivenciado cotidianamente, e a suposta ambiguidade de uma sociedade que não se assume racista (como é o caso da brasileira) muitas vezes serve com uma excelente desculpa para as violências cotidianas sofridas pelas pessoas que são discriminadas: em situações que podem parecer ambíguas para uma pessoa branca, há racismo e violência sofrida pelas pessoas negras e indígenas.

Um segurança acompanhando alguém dentro dum mercado, um policial barrando a entrada no banco, uma agente de segurança fazendo revista dentro de mochila na entrada do museu, de um aeroporto são circunstâncias aparentemente ambíguas que conotam o racismo cotidiano, visto que as pessoas brancas, de olhos claros, raramente passam por esse tipo de constrangimento.

A partir da aceitação que a pessoa que sente e sofre o racismo deve ser acolhida e escutada, outra medida importante é a de reparação. Chamar o praticante do ato racista para que possa se retratar é também uma postura necessária, visto que combater o racismo na educação é conversar sobre essas situações cotidianamente criadas na nossa sociedade. Muitas vezes é difícil para as pessoas brancas perceberem suas condutas, justamente porque o racismo é arraigado nas estruturas fundantes da sociedade latino-americana. A própria percepção sobre o outro é afetada pela colonialidade do saber, do ser e do poder.

Em inúmeras situações as pessoas que não vivenciaram racismo se propõem a pedir desculpas, fazer uma retratação, mas sem entender que a situação foi uma situação real de racismo. Assim, essas vivências são apreendidas na subjetividade e é necessário haver mais conhecimento e preparo para que efetivamente possamos transformar as relações étnico-raciais.

No caso fictício relatado com base na vivência da campanha, o participante que sofreu racismo afirmou que muitas vezes as pessoas negras não são ouvidas. Assim, após repetir sua pergunta por três vezes, seu interlocutor branco não conseguiu entender a pergunta, tampouco se esforçou para tentar responder. Revelou-se então uma prática racista em que o interlocutor ou não consegue escutar a fala da pessoa negra ou não consegue entender o conteúdo de sua mensagem.

Constatou-se também que, enquanto a situação é vivida como extremamente violenta para quem sofre este tipo de racismo, para o interlocutor branco

a mesma ocasião é vivenciada como ambígua ou ainda desprovida de atitude racista. A experiência evidenciou o despreparo para lidar com as situações cotidianas de racismo vivenciadas pelos estudantes, primeiro em decorrência da falta de sensibilização dos professores para o tema e pela falta de preparo para conduzir e mediar a situação de racismo sofrida.

Muitas vezes as situações são sequer percebidas por aqueles que praticam o ato racista, porque estão naturalizadas em nossa sociedade ou, ainda, são invisibilizadas, ignoradas deliberadamente, porque são consideradas por muitos como algo justificável.

A segunda campanha de combate ao racismo, quando fomos convidadas para compor os GT de apoio aos participantes, foi um momento completamente diferente, já que pudemos ver os bastidores da organização, as reuniões para o lançamento do edital, contando com uma equipe formada por educadores de diversos países, que trabalharam de modo voluntário.

3 2ª CAMPANHA

A “Segunda Campanha para a erradicação do racismo no Ensino Superior na América Latina”, realizada de modo virtual em Novembro de 2021, foi composta por vinte e quatro equipes de quarenta e quatro universidades e de diferentes países, como Argentina, Chile, Costa Rica, Brasil, Cuba, Equador, México e Colômbia.

Após o lançamento do edital da segunda campanha e de acompanharmos a realização de reuniões, nosso Grupo de Trabalho 2 foi formado pelas seguintes propostas: “Racismo en tierras altas de Salta” (Extensión Áulica Nazareno-Dto Santa Victoria Oeste-Salta e Comunidad Kolla del Pueblo de Nazareno, Argentina); “II Seminário *Online*: Diálogos Institucionais: reflexões e proposições de práticas antirracistas nas universidades brasileiras” (Universidade do Extremo Sul Catarinense e Universidade Estadual de Santa Catarina, Brasil); “Ciclo de Documateadas: Una reflexión necesaria para la Erradicación del Racismo” (Universidad del Bío-Bío, Chile); “RIMAY. Voces, Culturas y Diversidad contra el Racismo” (Universidad Nacional de Chimborazo, Equador); e “Laboratorio para la Erradicación del Racismo en Educación Superior” (Universidad Pedagógica Nacional, México).

Assistir à apresentação geral dos GT da segunda campanha também foi uma experiência importante para perceber a dimensão desse trabalho e de seu

alcance. Novamente pudemos constatar que as formas de racismo se repetem em diversos níveis, em todos os lugares e foi possível aprender novos modos de abordar o tema. Na abertura do GT2 da segunda campanha Daniel Matos falou:

O racismo em nossa sociedade segue causando estragos, diariamente. Em particular, é difícil omitir, na Argentina foi assassinado um jovem do povo Mapuche, na ocasião em que cuidava do acampamento de seu povo. O jovem estava desarmado, entraram pessoas armadas, o assassinaram, o companheiro ficou muito ferido, foi levado à unidade de terapia intensiva... não podemos falar de racismo e omitir que estão ocorrendo estas coisas. Foi na província do Rio Negro, na Argentina, porém sabemos que isso ocorre diariamente, com muita frequência, em todos os nossos países, em alguns, seguramente, com muito mais frequência que em outros. É difícil omitir que isso se encaixa especialmente no Brasil e na Colômbia. E não falamos só de discriminação, nós falamos também nos estragos que o racismo causa por não poder assegurar aos povos seus territórios, modos de vida, isso se passa em toda a América e também nos Estados Unidos e Canadá (Sesión 2 [...], 2021).

A campanha priorizou ações que envolvessem estudantes, professores, tendo por base os vídeos e textos referenciais publicados no *site* da UNTREF. Nesta fala transcrita de Daniel Matos evidencia-se que o racismo praticado contra os povos originários abrange genocídio e etnocídio, sendo que falar sobre a temática implica, necessariamente, abordar a violência com a qual os estados nacionais lidam em relação a essas populações.

Outros aspectos do racismo abrangem também a injúria racial, o preconceito e a discriminação, a falta de acesso aos direitos básicos, as noções evolucionistas impregnadas no imaginário social (que consideram até a atualidade os povos negros e indígenas como menos desenvolvidos) e, especificamente no campo da educação, o racismo se manifesta na ausência de alunos de diferentes origens culturais, muitas vezes por falta de acesso, na dificuldade de permanência desses estudantes, na atitude racista de professores que não respeitam a diversidade linguística e cultural, caracterizando uma violência diária que é vivenciada pelos estudantes, mas que para muitos pode passar despercebida.

O racismo nas escolas também pode ser mensurado pela violência direta. Um exemplo disso ocorreu em 6 de Junho de 2020, no estado de Querétaro, México, onde um jovem de catorze anos apenas pelo fato de ser migrante indígena e não

falar bem espanhol foi agredido por dois colegas de classe, que jogaram álcool em sua mesa e assim que o estudante se sentou, atearam fogo. O rapaz teve queimaduras de segundo e terceiro grau (Camhaji, 2022). Assim, podemos constatar que o racismo se manifesta através de violência direta nas escolas, mesmo sendo encoberto sob a denominação de *bullying*.

O Grupo de Trabalho 2 contou com cinco propostas e envolveu equipes de seis países, inclusive uma delas deu-se como continuidade da primeira campanha. A primeira equipe veio de Salta, na Argentina, articulada com a comunidade indígena Kolla e a universidade e organizou a análise dos discursos racistas na televisão, problematizando e analisando as práticas naturalizadas de racismo na região.

A segunda equipe, do Brasil, participou desde a primeira campanha e realizou um seminário *online* envolvendo professores de outras instituições, estabelecendo uma conexão em rede, com objetivo também de participar das comissões de ações afirmativas da Universidade do Estado de Santa Catarina, entre outras atuações. A terceira equipe, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, também oriunda da primeira campanha, propôs a análise do racismo a partir de imagens. Destacamos aqui a fala de Álvaro Guaymás (Sesión 2 [...], 2022) sobre a ação:

É muito raro chegar a uma atividade na universidade onde haja tantas cores presentes, isto nos fortalece não apenas simbolicamente, fortalece nosso corpo que transita nas universidades, que como sabemos não é fácil transitar e permanecer.

Na fala de Guaymás supracitada percebemos que a participação de indígenas e negros nas atividades universitárias proporciona não apenas visibilidade, mas efetivamente cria um ambiente que assegura que essas populações transitem dentro da universidade. O acesso aos estudantes indígenas é difícil desde o princípio devido à diversidade linguística e cultural, sendo que muitas vezes os sistemas de acesso à universidade ocorrem via *Internet*, em plataformas sem interface acessível.

Após passar pela etapa de seleção e acesso, os estudantes se deparam com instituições despreparadas para recebê-los: professores racistas, práticas não inclusivas, ausência de espaços de acolhimento para esses estudantes, dificuldades materiais e psicológicas para se manterem fora do ambiente de suas comunidades. Assim, ao realizar uma atividade que trate dessas dificuldades e seja protagonizada

pelos próprios alunos, a universidade abre um espaço para que essas questões sejam acolhidas, reconhecidas e debatidas pela comunidade acadêmica.

A terceira equipe, a do Chile, trouxe reflexão com professores, comunidade, depoimentos, discriminação linguística para desconstrução dos estereótipos a respeito dos povos originários, sobretudo os Mapuche, que vivem na região. Incluiu também ações de curto e longo prazo para o combate ao racismo.

Já a equipe do Equador apontou para a agricultura e demonstrou em seus dados que a universidade abriga 65% de estudantes indígenas. Apresentou sua participação no projeto *Rimay*, palavra do povo Quéchuá que significa “Dar voz”, e constatou que o currículo universitário não contempla a cultura dos povos indígenas, apesar do grande contingente populacional na região.

A equipe do México apresentou o projeto *Leres*, que faz a formação de professores indígenas. Apesar da longa data de trabalho com esses discentes, a equipe destacou que as situações de racismo são presenciadas há muito tempo na universidade. O racismo acontece de diversos modos, seja explícito, seja em procedimentos cotidianos vivenciados pelos os alunos. Foram gravados microvídeos dos alunos sobre a questão.

4 3ª CAMPANHA

A “3ª Campanha para a erradicação do racismo no Ensino Superior na América Latina”, que ocorreu em Novembro de 2022, contou com vinte e seis equipes de diferentes países da América Latina, como Brasil, Argentina, Chile, México, Equador, Guatemala, Colômbia e Cuba.

Aqui podemos destacar a participação na equipe de organização da campanha, desde a primeira reunião, desenvolvimento do edital, seleção de propostas, acompanhamento de grupos, acompanhamento e cooperação nas apresentações e reunião de encerramento. Houve a preocupação de elaborar o edital e divulgar, ao receber as propostas, a organização dessas em planilhas, a decisão sobre a seleção de grupos que já haviam participado de outras campanhas, até a divulgação do resultado.

Participamos, na ocasião, do Grupo de Trabalho 2, cujas propostas foram as seguintes: “Taller Amulepe Taiñ moguetun (Sigamos renaciendo). Reflexiones y acciones desde perspectivas interculturales en el CRUBrub UNCo que apor-

ten a laerradicación de racismos en la Educación Superior” (Centro Regional Universitario Bariloche, Argentina); “Academia Preta Decolonial: epistemologias e metodologias antirracistas” (Universidade Federal do Maranhão e Centro de Cultura Negra Negro Cosme, Brasil); “Cotas na Unemat: experiências negras no Ensino Superior” (Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil); e “Los prejuicios y los estereotipos, columnas que sustentan el racismo y la discriminación en la sociedad del siglo XXI” (Universidad del Magdalena, Colombia).

Num segundo momento, as equipes se reuniram em GTs e duplas de pessoas ficaram responsáveis por acompanhar os trabalhos das equipes. A equipe da Colômbia (Figura 1) enfocou os estereótipos e preconceitos como forma de naturalização do racismo na sociedade. Destacaram expressões cotidianas como “Os índios são sujos”, “Este sol é para negros”, “Apesar de ser negra, é bonita”, frases usadas cotidianamente na sociedade e que dão lugar a uma naturalização do racismo.

Foram apresentadas as atividades em que representantes de povos indígenas colombianos Iku e Cogui falaram sobre práticas discriminatórias que sofreram e sofrem: ainda hoje são chamados de “selvagens” e são considerados inferiores. Na mesa de representantes afro-colombianos também se falou de práticas discriminatórias em que o cabelo e o fenótipo são os principais alvos de discursos racistas.

No caso das mulheres essa discriminação é muito evidente. Quando se fala de racismo em relação às mulheres afro-latinas, não importa de que país sejam, coincidem pelo racismo que sofrem por seu cabelo. Nos discursos hegemônicos, os modelos eurocêntricos de beleza buscam a semelhança com o branco, ocultando as características do cabelo afro mediante a indústria cosmética, que exerce múltiplas subjugações sobre os corpos femininos. Nos relatos do estudo sobre mulheres afro-colombianas, Ashley Palacios (2020, p. 13) afirma que

[...] mostram que o cabelo afro possui aparência e textura distinta das meninas mestiças.. É um cabelo mais duro e difícil de pentear, daí que suas lembranças do cotidiano com relação à sua corporalidade e sua forma seja percebida pelos demais eram atravessadas pela dor (raspar o cabelo), o feio (pentear-se com os cachos ou ver-se fisicamente como um menino) e submeter-se a ser penteada por outras mulheres. Além disso, ao interagir com outras meninas apareciam padrões de beleza associados ao cabelo liso, à brancura ou à mestiçagem.

Figura 1 - Apresentação do GT2. Equipe da Colômbia

Actividad No 1. Conversatorio: "Los pueblos originarios iku y cogui levantan la voz ante el racismo y la discriminación". No de asistentes: 120 estudiantes-docentes. Modalidad: presencial-virtual

Imagen 1. Moderador Mg. William Mendieta Otálora. Panelistas invitados: Representante del pueblo iku Osmar Torres Villalba (Docente), Representante del pueblo cogui Lenny Cis (Estudiante), y representante del pueblo...

"Se nos creía y se nos decía que éramos salvajes que no teníamos espíritu, ni ser"

"Siempre nos han mirado como personas y pueblos ignorantes"

"Los jóvenes más que todo estamos muy expuestos a lo que es la discriminación..."

"Ante la discriminación en el colegio, uno se preguntaba ¿Por qué yo no nací igual a los demás? ¿Por qué mis compañeros siempre me ven como diferente? Lo cual genero inseguridad y falta de pertenencia por mi cultura".

"El ser diferentes no nos hace inferiores...por el contrario debemos sentirnos orgullosos de tener una tradición, unas costumbres, que tenemos una ley de origen y una misión que nos fue encomendada el cuidado de la madre tierra"

LOS PREJUICIOS Y LOS ESTEREOTIPOS, COLUMNAS QUE SUSTENTAN EL RACISMO Y LA DISCRIMINACIÓN EN LA SOCIEDAD DEL SIGLO XXI - COLOMBIA

Fonte: 3ª Campanha contra el Racismo en la Educación Superior.

Ao final, a equipe colombiana fez uma atividade na qual os estudantes escreveram num papel as ações antirracistas que aprenderam durante os debates e, a seguir, colaram a atividade numa árvore de papel outrora já fixada na parede, num ato simbólico de seus compromissos na luta contra o racismo. Depois, a equipe da Argentina apresentou a realidade dos Mapuche em Comahue, ação denominada *Amulepe Taiñ Moguetun*, cujo significado em língua mapuche é "Sigamos renascendo", numa ideia de seguir a vida em uma nova perspectiva (Figura 2).

Houve, ainda, o convite para docentes e estudantes compartilharem suas experiências a respeito de casos de discriminação dentro da universidade, tendo como proposta refletir sobre elas. Foram então formados nove grupos, cada qual acompanhado de um coordenador, tendo em vista conversar sobre essas histórias. *Padlets* dos grupos foram desenvolvidos.

O que saiu no princípio foram os fatores que habilitam o racismo, discriminação, que são a falta de problematização das práticas racistas, excludentes e de discriminação. Saiu também o tema dos 'argentinismos', ideia que se

reflete na hora de ensinar história, e que tanto os currículos como também as práticas escolares se veem reproduzindo uma história social que sabemos estar relacionada à etnia nacional e território argentino, excluindo assim as outras identidades. Saíram os temas de invisibilização, silenciamento, as exclusões do sistema, hierarquização do sistema, hierarquização cultural, as trajetórias formativas dos docentes, contexto, época, lugar, valores e crenças que se legitimaram e o tema do duplo discurso que circula (Informação oral, 3ª Campanha, 2022).

Figura 2 - Amulepe Taiñ Moguetun



Fonte: 3ª Campanha contra el Racismo en la Educación Superior.

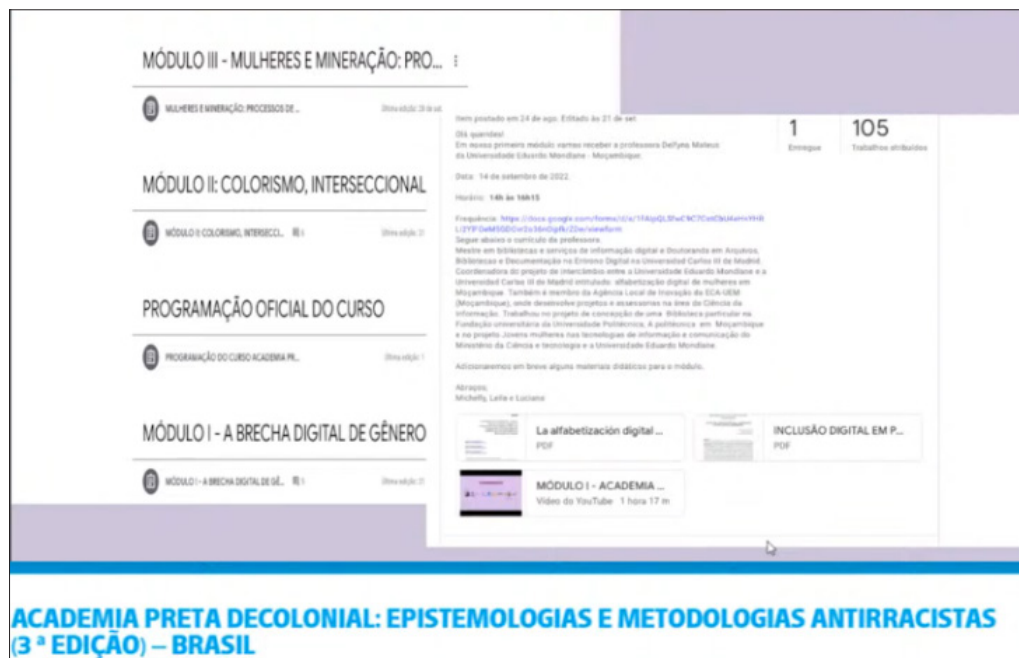
Foi relatado que os docentes impõem sua autoridade em classes, que não há espaço para tratar das emoções na sala aula, não se pode falar do que se passa, tampouco em lugares públicos e se age como se nada houvesse passado, como se o racismo não existisse; tais questões se naturalizam e causam dor, impotência e dor nos corpos que transitam nos espaços educativos.

Há, desta maneira, uma forma de comunicação que naturaliza o racismo, caracterizando-se como uma reprodução da matriz discriminatória na formação

de futuros docentes e assim faz-se necessário ter coragem para se colocar a questão do racismo. Os questionamentos dos estudantes são ignorados, não são escutados; há uma ordem que habilita essa prática racista e discriminatória. Nos concursos, por exemplo, não se exige que os candidatos tenham habilidade para tratar do tema.

Finalmente se apresentaram duas equipes do Brasil. Nelas se constatou um trabalho consolidado há muito tempo. A primeira apresentou um curso de sete módulos realizado de modo híbrido na universidade, sendo os temas de cada módulo focados na erradicação do racismo (Figura 3). A segunda equipe expôs o trabalho que realiza desde 2005 com a finalidade de erradicar o racismo na universidade, o que se viu refletido em um documentário apresentado aos estudantes e que teve grande aceitação (Figura 4).

Figura 3 - Módulos de erradicação do racismo



Fonte: 3ª Campanha contra el Racismo en la Educación Superior

Figura 4 - Documentário apresentado aos estudantes



Fonte: 3ª Campanha contra el Racismo en la Educación Superior.

5 CONCLUSÃO

A participação nas três campanhas possibilitou vivenciar diferentes experiências: em primeiro lugar, a partir da ação como equipe proponente, o que exigiu esforço de diversos membros docentes, discentes, de diferentes instituições, além da participação de lideranças indígenas e afro-brasileiras. As atividades propostas geraram a mobilização e sensibilização principalmente por parte dos alunos e tiveram ampla divulgação tanto dentro da instituição quanto nos veículos de comunicação, como televisão, rádio e redes sociais.

O cronograma de atividades abrangeu a leitura e debate da chamada, a realização de reuniões para decidir coletivamente as propostas, a submissão, seleção, execução da proposta e as participações com os apoiadores da campanha, culminando na apresentação dos trabalhos das equipes selecionadas.

Conforme relatado, a primeira campanha se consolidou a partir de diferentes acordos institucionais e interinstitucionais, apresentando atividades de formação,

registros audiovisuais, compondo-se em modos diversos de abordar e realizar o debate sobre o tema proposto. Destacou-se nela ainda, enquanto prática de equipe selecionada, um desafio real de como lidar com a situação de racismo enquanto ela acontece no ambiente do ensino superior.

A partir da segunda campanha, vivenciamos as práticas enquanto equipe de apoiadores, acompanhando e auxiliando as instituições selecionadas. Os grupos de trabalho permitiram um tempo maior para conhecer algumas das propostas desde o início até a apresentação do resultado final. Foram apresentadas propostas muito criativas, usando diferentes tipos de abordagem, como *padlets*, dinâmicas de grupo, questões colocadas e respondidas em redes sociais, rodas de conversas, oficinas, mesas de debates, entre outros.

Foi demonstrado que a maior parte das instituições de ensino superior que participaram desta campanha apresentam questões recorrentes em relação ao silenciamento dos professores, ao currículo etnocêntrico, que não muda sequer quando inserido dentro de locais com maior população indígena, à formação de professores completamente despreparados para lidar com a diversidade cultural.

Além desses fatores, destacamos a ausência de espaço dentro das instituições para abordar esse tema e essas situações vivenciadas pelos alunos. Participar dos bastidores dessa campanha possibilitou uma rede de contatos entre os diferentes pesquisadores e suas instituições.

Foi possível constatar também que, embora o continente latino-americano seja culturalmente diverso, algumas práticas racistas ocorrem de maneira idêntica: a invisibilidade das culturas indígenas, a desvalorização de suas línguas e práticas culturais – permeadas por violências e atitudes discriminatórias – o genocídio praticado contra os povos, a expropriação de seus territórios, os assassinatos, a inviabilização dos seus modos de viver.

Dentro das instituições de ensino superior pudemos constatar também uma prática deliberada de negação da presença de estudantes indígenas, a falta de acolhimento nos espaços, a atitude intencional de ignorar suas peculiaridades linguísticas e práticas de humilhação que vão desde o racismo deliberado concretizado na violência da fala até outras práticas que para os brancos são consideradas ambíguas ou não reconhecidas como práticas discriminatórias, mas que são vivenciadas pelos estudantes como experiências extremamente traumatizantes e violentas de racismo.

O espaço aberto aos estudantes e professores dentro das instituições de ensino superior parece ter evidenciado um problema recorrente, que nunca havia sido abordado ou sequer pautado dentro das instituições, na maioria dos casos. Percebemos que a prática racista ainda é uma realidade latente e pouco combatida nas instituições, mas as campanhas se mostraram um importante espaço de conexão entre diferentes países, para refletir, trocar experiências e propor mudanças dentro de suas instituições.

Uma vez que os estudantes puderam se manifestar sobre as suas condições de acesso e permanência na universidade, os relatos das situações vivenciadas também foram um impacto marcante das campanhas, pois possibilitaram a saída da invisibilidade para um espaço em que a prática racista pode ser debatida adequadamente, inclusive gerando possibilidades para serem erradicadas a partir de ações efetivas.

Embora o genocídio, a expropriação das terras e o impedimento das formas de viver dos povos sejam uma realidade de diversos países da América Latina, pudemos constatar também que os modos de praticar o racismo são muitas vezes naturalizados e tidos como aceitáveis nos meios em que circulam. Assim, combater o racismo implica também em proporcionar espaços de debate sobre o tema que não sejam temporários ou esporádicos, mas assegurados de modo permanente, e em tomar medidas efetivas que impeçam a prática dessas ações.

Os registros das ações realizadas pelas equipes selecionadas nas campanhas ficaram disponibilizadas no *site* da Universidade Nacional de Tres de Febrero e constituem um importante acervo para o conhecimento do modo como o racismo é abordado nas instituições de ensino superior, do modo como os estudantes relatam suas práticas cotidianas em que a violência e a discriminação com negros e indígenas são praticadas muitas vezes pelos próprios professores. Esse material configura-se como um panorama da situação atual e aponta diversos modos de abordar e trabalhar o problema do racismo no ensino superior, assim como propõe ações de curto e de longo prazo para combater e erradicar esse problema social.

Constatamos, a partir dos relatos apresentados, que a herança colonial deixada pelo racismo científico, com suas ideias equivocadas de evolucionismo cultural, eugenia, ainda estão presentes nas práticas e discursos vivenciados cotidianamente pelas pessoas que sofrem racismo.

Os assassinatos dos povos indígenas, populações negras ainda hoje não sensibilizam a sociedade, e ainda persiste o fato de os territórios tradicionais serem alvos de inúmeros ataques, expondo seus habitantes a todo o tipo de violência, incluindo as crianças.

A perda de vidas negras e indígenas parece não importar tanto para a sociedade quanto a perda de vidas brancas. Se no mundo acadêmico e na prática de pesquisa, ao menos em alguns campos específicos de conhecimento, essas ideias são consideradas hoje como inaceitáveis, constatamos que nas relações estabelecidas, nos currículos organizadores dos cursos e seus respectivos conteúdos, não há espaço para se pensar um mundo povoado pela diversidade linguística e cultural. O material produzido pelas campanhas propostas evidencia e demonstra o problema, apontando também para possíveis soluções a longo prazo.

Devido à riqueza de possibilidades e às abordagens apresentadas pelas equipes participantes, demonstramos também que não há um caminho simples ou fácil para combater o racismo. A formação antirracista ocorre a partir do debate aberto sobre o tema, primeiramente abrindo espaço para que as pessoas exponham o problema a partir de seus próprios relatos e posteriormente convidando a comunidade universitária, incluindo alunos e professores, a se responsabilizar por um problema que é social e que tem raízes muito profundas na América Latina.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Wagner; PATZI, Nayra. Primeira campanha para a erradicação do racismo na Educação Superior na América Latina. *Revista Integracion y conocimiento*, [s.l.], v. 2, n. 10, 2021. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/integracionyconocimiento/article/view/33891/34303>. Acesso em: 11 maio 2023.

CAMHAJI, Elías. Quemado vivo por ser indígena: el brutal ataque contra un estudiante otomí en una escuela de México: La agresión a un adolescente de 14 años, que ha tenido que someterse a cuatro cirugías, pone a Querétaro frente al espejo del racismo y el 'bullying'. *El País*, [s.l.], 3 jul. 2022. Disponível em: <https://elpais.com/mexico/2022-07-03/quemado-vivo-por-ser-indigena-el-brutal-ataque- contra-un-estudiante-otomi-en-una-escuela-de-mexico.html>. Acesso em: 12 abr. 2023.

PALACIOS, Ashley. *El poder de la belleza negra: discursos y prácticas en torno al cabello afro*. 2020. TCC (Pregrado en Facultad de Comunicaciones y Filología) - Universidad de Antioquia, Medellín, 2020. Disponível em: <https://bibliotecadigital.udea.edu.co/>

bitstream/10495/16591/3/PalaciosAshley_2020_PoderBellezaNegra.pdf. Acesso em: 11 abr. 2023.

SESIÓN 2- 2da Campaña contra el Racismo en la Educación Superior. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (2 hr 27 min). Publicado pelo canal Canaluntref. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6m4Th94CtnI>. Acesso em: 11 abr. 2023.

Sobre os autores:

Larissa Lacerda Menendez: Doutorado e mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Licenciatura plena em Educação Artística pela Fundação Armando Álvares Penteado. Professora do departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

E-mail: larissa.lacerda@ufma.br, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-9944-9120>

Haydee Maricela Mora Amezcua: Doctora en Estudios Interdisciplinarios sobre Pensamiento, Cultura y Sociedad en el Programa PNPC Conacyt de la Facultad de Filosofía de la Universidad Autónoma de Querétaro. Maestra en Derecho y Licenciada en Economía por la Universidad Nacional Autónoma de México.

E-mail: hamamora@gmail.com, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-4326-751X>

Recebido em: 14/05/2023

Aprovado para publicação em: 30/10/2023

